

# POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
**MANUEL VIRGÍNIO PIRES**

Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

**ISIDORO MANUEL PIRES**

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 5\$00  
—Para outras localidades. 9\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

A VENCÇA

## Efemérides Portuguesas

NA MANHÃ do dia 1 de Dezembro de 1640 o povo de Lisboa pôde, depois duma longa trégua de 60 anos, aclamar de novo um rei português.

—«Liberdade! Liberdade! Viva El-Rei D. João IV! O Duque de Bragança é o nosso legítimo Rei! O Céu restituiu-lhe a coroa para que o Reino ressuscite! A promessa de Cristo a D. Afonso Henriques será cumprida!»—Estas foram as palavras patéticas do velho D. Miguel de Almeida, chorando de comoção, na hora sagrada, em que a alma portuguesa se erguia, espontaneamente, reafirmando a sua indomável vontade de ser independente, livre do pesado e afrontoso domínio que lhe pesara durante uma longa noite, quase desde a tarde fatal de Alcácer Quibir.

D. João IV soube demonstrar que era «pelo seu character reflectido e prudente, o príncipe mais apto para reger os destinos públicos em tão aventurada crise.»

Como disse alguém acertadamente: «Estimava as provas de affecto e as manifestações de regozijo, mas só como homem prático, não se ensoberbecendo com elas, e cuidando sempre em dispor os preparativos da defesa, porque não ignorava que os Estados se fazem temer pelas armas e que o alvoroço e os clamores se dissipam como fumo, desde que as forças organizadas os não apoiem.»

## PÁGINAS VIVIDAS DA NOSSA EPOPEIA MILITAR

### A TOMADA DE «CAMPAMP»

EM JULHO de 1907, as notícias da Guiné eram alarmantes. Ninguém o ocultava, até nem mesmo as esferas oficiais. A situação era gravíssima, pois a revolta do gentio abrangia todos os territórios entre Geba e Farim, isto é, uma área enorme, erizada de toda a casta de perigos.

Crégulo Infali—Sancó, da margem direita do Geba, atravessando o rio, aliciava outros régulos e atacava o único régulo que se nos conservava fiel: Abdulay. Como não o conseguisse subjugar pela força das armas, tentou subjugar-lo pela fome.

A situação exigia uma acção rápida e enérgica na margem esquerda, apesar de as forças portuguesas serem exiguas para tamanho empreendimento, pois o inimigo era em grande número, aguerrido e bem armado.

Intervio o Governador, 1.º tenente de Marinha João Augusto

## Nossa Senhora da Conceição



Pórtico da Igreja da Conceição

No próximo dia 8 do corrente, feriado nacional, dia consagrado pela Igreja á Imaculada Conceição, realiza-se na laboriosa e vizinha povoação da Conceição a tradicional festa em honra da sua padroeira.

Muito embora sem aquela pompa dos tempos idos, visto a festa anual ter sido transferida para o mês de Setembro, todavia, a data solene não é esquecida, pois haverá as solenidades religiosas do costume, á excepção das externas, que já se efectuaram em Setembro findo.

A Conceição está, portanto, no dia 8 em festa; e, como de costume, é a data para o tradicional passeio áquela freguesia.

## PROBLEMAS DE TEATRO

Pelo Dr. MATOS GOMES

ANTES de se retirar para as suas novas funções, António Ferro quis ainda manifestar o seu vivo interesse pela vida espiritual do País e dizer da sua justiça sobre a nossa projecção no estrangeiro.

Falando sobre cinema e sobre teatro, apontou vícios e defeitos do cinema chamado nacional, não em virtude das pequenas possibilidades de que se diz dispormos, mas em função dos horizontes limitados de alguns realizadores que se julgam bons e afinal são maus comerciantes. A pobreza de temas e de realização encerra-os nos escassos quilómetros quadrados da nossa área geográfica e afasta-os, por inferiores á média qualitativa europeia, de novos mercados, agora fáceis de conquistar, dada a «evidente decadência do cinema americano». Por outro lado, iludido pelos exploradores do baixo gosto das camadas, o público já não crê, já não tem fé nas nossas possibilidades e nos nossos recursos para criarmos um cinema com características indiscutivelmente

nossas. Isto é: a finalidade educativa desapareceu por culpa de ambições mesquinhas de espiritos tancanhos, daquela mediocridade nefasta que infecta e empesta a

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

## Em Tavira Registaram-se GRANDES INUNDAÇÕES

Em virtude das grandes chuvas, toda a parte baixa da cidade esteve inundada.

As cheias registaram-se sobretudo nas preia-mares dos dias 29 de Novembro, ás 23 horas; do dia 30, ás 11 horas, e á da meia-noite.

A maior inundação deu-se pelas 11 horas, do dia 30.

Cerca das 10 horas, o Gilão galgou as margens e toda a parte baixa da cidade ficou coberta de água.

No lado oriental foram inundadas as ruas João Vaz Corte Real, Alagoa e todas as ruas próximas do rio até á rua Almirante Reis. No Bairro Jara, a água atingiu grande altura.

O trânsito de veículos esteve interrompido durante algumas horas pois as camionetas de passageiros que fazem trânsito para Faro e Vila Real de Santo António, sobretudo as das carreiras das 11 horas, foram forçadas a interromper o trânsito.

No lado ocidental, ficou também tudo inundado, desde a Rua 1.º de Maio até ao rio.

Houve pontos em que a água

atingiu mais e 1 metro de altura. Na nossa Redacção, a água atingiu 26 centímetros.

No Mercado Municipal, não se efectuaram transacções comerciais. Os estabelecimentos da Rua José Pires Padinha ficaram completamente inundados.

Na Casa «Belton», a água atingiu as montras.

Vimos nas ruas José Pires Padinha e Dr. Parreira circularem botes, conduzindo pessoas para as suas casas.

Esta deve ter sido uma das maiores cheias dos últimos anos.

Os prejuizos, segundo nos informam, são de certa monta e, felizmente, não foram mais elevados, porque a inundação foi de dia e a hora em que ainda se puderam tomar algumas providências.

A cheia durou desde as 9<sup>h</sup>,5 até ás 13<sup>h</sup>,5.

Cerca-de 4 horas, o tavirense assistiu a um espectáculo fora do vulgar.

Algumas repartições públicas não funcionaram durante o 1.º tempo.

No próximo número do nosso jornal, esperamos já poder publicar algumas fotografuras da grande inundação, que certamente não se apagará da memória de quantos a ela assistiram, e para que os tavirenses ausentes façam uma ideia do que foi.

Dos pontos altos da cidade, muita gente presenciou o espectáculo e tirou fotografias.

Os bancos do Jardim público ficaram cobertos de água.

E' indiscutível o aspecto que oferecia a parte da cidade vizinha do rio.

## 1.º de Dezembro

Em virtude do mau tempo, não se efectuaram as tradicionais comemorações do dia 1.º de Dezembro.

O desafio de futebol, que estava anunciado entre o Sporting Clube Olhanense e o Grupo de Alunos do Curso de Sargentos Milicianos, em beneficio do Hospital da Misericórdia, também não se pôde realizar.

## INFORMAÇÕES

Foram, pelo Ministério das Obras Públicas, concedidas participações ás Câmaras Municipais de: Alcoutim, para obras de adaptação nas instalações da tesouraria da Fazenda Pública, reforço, 7.000\$000; e Silves, para construção do Mercado de S. Bartolomeu de Messines, reforço, 35.360\$000; e ao Sport Lisboa e Faro, para construção de um posto nautico, 12.540\$000.

Foi transferido, a seu pedido, do lugar de informador fiscal, de Lagôa para Portimão, o nosso conterráneo e assinante sr. João Rodrigues Torres.

Foi nomeado 2.º Juiz adjunto do Tribunal de Menores da Comarca de Tavira o sr. Ventura José Angelo Ladeira, professor oficial.

Foi criado um posto escolar no sítio da Ribeirinha, na freguesia da Conceição, concelho de Tavira.

Edifício antigo da Casa do Povo da Luz



## Casa do Povo da Luz de Tavira

A Casa do Povo da Luz de Tavira, que é sem dúvida uma das mais importantes do nosso concelho, e cujo desenvolvimento muito se deve ao sr. Dr. Arnaut Pombeiro, vai, dentro de breves dias, inaugurar o edificio da sua nova sede.

A' frente da Direcção, já há anos que se encontra o sr. Manuel Correia Dourado, que bastante tem contribuído com o seu esforço e boa vontade para que aquele organismo corporativo tenha progredido.

Tudo se prepara, pois, para a inauguração oficial de mais um novo edificio, duma Casa para os trabalhadores rurais, na freguesia da Luz de Tavira.

Dão-se os ultimos retoques e aguarda-se a marcação para o dia festivo, que deverá talvez ser nos primeiros dias do próximo ano.

Registamos o importante melhoramento, que vai enriquecer a aldeia da Luz, com um moderno e interessante edificio.

## FLOR-DESEJO

Eu quisera colher uma por uma  
Da tua boca as pétalas de rosa;  
Para com elas desfazer a bruma  
Do meu viver—a estrada pedregosa...

Mal-me-quer, bem-me-quer, e então se esfuma  
A esperança fugaz e mentirosa  
Que me alentava de alcançar, em suma,  
A flor da tua boca perfumosa...

Jardineiro do amor, fôsse eu colhé-la,  
Deus baixaria ao mundo numa estrêla,  
E este seria a Terra Prometida.

A minha ingrata solidão de Poeta  
Tornar-se-ia na mansão dileta,  
A' transfiguração da própria vida...

São Paulo (Brasil) Julho de 1949

ULISSES DINIZ

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

## Noticias Pessoais

## Aniversários

Fazem anos:

Em 5—D. Aida Hermenegilda Lopes Ferro Madeira, D. Rita dos Santos Pires, D. Maria Eduarda Conceição Monteiro e sr. José Oliva Diniz Padinha.

Em 6—D. Maria José Gonçalves e sr. José Nicolau das Chagas.

Em 7—D. Maria da Encarnação Martins, Mle. Maria da Conceição Monteiro Santos, menino Orlando Tomás Ribeiro Lourenço e sr. António Viegas Junior.

Em 8—D. Maria Eugénia da Conceição Pinto Pires e srs. Jacinto da Conceição Pereira e Renato Santos.

Em 9—D. Maria das Dores Pires Soares Aguiar, D. Marília Irene Palma Galhardo Lopes da Ponte e sr. João Marcelino Ribeiro Fernandes.

Em 10—Sr. Dall Ginistal da Costa Campos.

## Partidas e Ohogadas

De visita a sua mãe, sr.ª D. Maria da Estrela Amorim Ribeiro, que tem passado incomodada de saúde, encontra-se nesta cidade, com sua interessante filha, a sr.ª D. Maria Helena Ribeiro Alberty, esposa do sr. Capitão de Engenharia Arménio Correia Alberty.

—Com sua esposa, regressou de Lisboa o sr. Dr. Manuel Lourenço Coelho.

—Foi á Capital, donde já regressou, o sr. Manuel Pedro Gabrita Junior, conceituado comerciante da nossa praça.

—Foi á Capital o sr. José Luis Cesário, proprietário, residente nesta cidade.

—Foram á Capital os srs. Dr. António Drago e Arnaldo Fagundes Peres.

—Foi á Capital o sr. Francisco Maria de Araujo Ribeiro, proprietário, residente nesta cidade.

## Doente

Foi há dias operada no Hospital da Misericórdia desta cidade, com feliz resultado, a sr.ª D. Maria do Carmo Silveira Soares, esposa do nosso assinante sr. João Soares, empregado da Companhia de Pescarias Balsense no Algarve.

## Agradecimento

A família de Silverio dos Reis Bento Capela vem por este cumprir o doloroso dever de agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo á derradeira morada e bem assim ás que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

## CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, ás quintas-feiras, no escritório de sollicitador Carmo Peres

## Grémio da Lavoura de Tavira

**Batata-semente:** Prevenimos os lavradores que se inscreveram para a compra de batata para semente da variedade Arran-Banner, produção nacional, de que acaba de chegar a primeira remessa, cuja distribuição se fará por ordem de registo das respectivas inscrições.

O levantamento deverá ser feito pelos requisitantes até ao dia 20 do corrente mês, depois do que este Grémio disporá livremente das quantidades não levantadas.

**Cotas:** Mais uma vez se previnem os nossos associados que ainda não liquidaram as suas cotas que devem fazê-lo, com brevidade, para se evitar a cobrança coerciva, sempre desagradável e onerosa.

Tavira, 2 de Dezembro de 1949.

A Direcção

JOPINHAL

Se provar,  
há-de gostar.

## As aspirações de Vila Nova de Cacela

## Resposta ao artigo publicado no Jornal «Ecos do Sul»

(Continuação do número 803)

Por MANUEL S. CABANAS

Quanto ao Sr. Dr. Medeiros Antunes, conheço-o desde criança. Quem me dera nos tempos em que ia a sua casa, na companhia de meu pai, quando ia levantar-lhe os figos que lhe comprava todos os anos. Belos tempos, esses! Daí para cá, só os homens têm mudado. Cacela, aquela Cacela dessa época, era a mesma que é hoje, nem mais nem menos progressiva, dando-me a impressão de que o tempo parou, não exercendo acção sobre ela.

Tenho, pois, pelo Sr. Dr. Medeiros Antunes o maior respeito, a mais elevada consideração e estima. Seria, pois, incapaz de o ofender, e não é crível que Sua Ex.ª se desse por ofendido com as considerações que fiz sobre a praia da Manta Rota, e digo que não é crível, porque o Sr. Dr. Medeiros Antunes mora ali em frente e sabe, tão bem como eu, que tudo quanto disse é verdade.

No entanto, Sr. articulista, devo dizer-lhe que o respeito e a consideração que me merecem, tanto o Sr. Presidente da Câmara como o Sr. Dr. Medeiros Antunes, não podem levar-me a entortar a minha consciência no julgamento dos factos que analisei em Vila Nova de Cacela.

Não há razões, nem respeitos, nem considerações, que me obriguem a calar em mim a verdade e a justiça das coisas. Nem meu pai, que considero e estimo acima de tudo, me obrigaria a esse silêncio. Em muitos actos da minha vida, tenho procedido com igual isenção e não me arrependi até hoje de o ter feito! Sou pobre, mas digno, Sr. articulista, e estou certo que Suas Ex.ª me compreenderão.

No que respeita á Comissão de Turismo, constituída por conterrâneos meus, que o Sr. articulista me aponta, talvez com o intuito de que eu a acuse, (nós sabemos lá a intensão de cada um), devo dizer-lhe que, quando suscitei esta questão, não foi para a tornar uma questão pessoal. Ao levantá-la, tive, unicamente, a preocupação de interessar os poderes constituídos nos instantes problemas da minha terra, de forma que eles pudessem ser resolvidos num curto prazo de tempo, para que no próximo ano se não deparasse aos nossos olhos e aos dos visitantes da praia da Manta Rota (os que lá voltarem) aquele quadro tristíssimo, desolador e até vexatório, que infelizmente este ano se verificou.

Não tive outra intenção e, como o Sr. articulista me conhece mal, devo esclarecê-lo que que na minha alma não tem cámbio o sentimento mesquinho e desprezível de acusar. Faça-o o Sr. articulista, se quiser, visto que se trata de conterrâneos meus, que tão pouco considera, porque se empertigam. Quanto a mim, quer queira quer não, transcendendo um pouco essa craveira moral comum, e paio um pouco mais alto, e já não é fácil, Sr. articulista, pisar as cascas de laranja que me tiram. Podem os meus conterrâneos zangar-se comigo por ter dito a verdade, mas nunca por cometer uma acção vil. Desculpo as faltas de toda a gente, só não desculpo as de uma única pessoa: as minhas.

De resto, sei o suficiente para lhe dizer que as Comissões de

Turismo não se nomeiam a si próprias, e o Sr. Dr. Medeiros Antunes, infelizmente doente, segundo me informam, há muito que pediu a sua demissão.

As aparências iludem, Sr. articulista, e, às vezes, aqueles que as aparências acusam são, afinal, os menos responsáveis.

Creio ter-lhe dito o suficiente a este respeito, para que me tenha compreendido.

Dizo o Sr. articulista que eu não posso comparar a minha terra com a sede do concelho, nem a praia de Monte Gordo com a praia da Manta Rota.

Pois não. Nem eu fiz comparações. O Sr. é que leu mal o que eu disse.

Visitei a sede do concelho de Vila Real de Santo António e a praia de Monte Gordo, e elogiei gostosamente o seu desenvolvimento. Disse, com a maior sinceridade, que o estado das suas coisas e o elevado espírito que elas acusavam me deram a medida exacta da actividade desenvolvida pelo seu município, exaltando a diligência e os cuidados que houve ali em resolver os seus importantes problemas urbanos.

Acerca de Vila Nova de Cacela e da praia da Manta Rota, disse que lamentava não terem estas merecido, a quem de direito, cuidados e atenções idênticos e correlativos á sua importância de simples freguesia e de pequena praia.

Isto não é fazer comparações, Sr. articulista. Eu não tenho a estulta pretensão de comparar Vila Real de Santo António com a minha freguesia. No entanto, posso pôr em paralelo os cuidados havidos com um e com outro dos aglomerados populacionais. E' certamente a este facto que o Sr. articulista se refere, quando afirma que eu faço comparações.

Se assim é, os factos falam por si: compare-os e, depois, diga-me.

Acha, então, o Sr. articulista que Monte Gordo progrediu como zona de turismo, porque tem melhores condições turísticas do que a Manta Rota?

Mas, afinal, as condições de turismo que Monte Gordo tem não são mais do que o desenvolvimento que a Câmara Municipal do seu concelho lhe tem dado, proporcionando-lhe, com um carinho inexcusável, todos os meios necessários ao seu progresso, e por isso, e só por isso, é uma grande praia. Outro tanto não se fez na Manta Rota, que foi absolutamente abandonada pelos poderes públicos, e agora aparece o Sr. articulista, com um sorriso mefistofélico nos lábios a insultá-la, dizendo que ela não tem as mesmas condições de turismo que Monte Gordo e, por esse motivo, não se desenvolveu. Não os tem, porque não lhos criaram, Sr. articulista.

E, senão, diga-me: Por que não se manda asfaltar a estrada da Venda Nova á Manta Rota?

Por que se não pede a participação do Estado para a conclusão da Pousada começada a construir há anos, salvando-se assim o dinheiro já ali gasto?

Por que se não edifica ali próximo da praia um pequeno mercado como o de Monte Gordo?

Por que se não dá colaboração á Comissão de Turismo local, nas providências a adoptar, de forma a evitar o abandono que se verificou este ano?

Posso afirmar-lhe, Sr. articulista, que, além do Casino, construído há 15 ou 20 anos, ali não se fez mais nada. A única coisa que tem são as suas condições naturais, tão boas como as de Monte Gordo, pois a sua paisagem é muito mais bela e rica.

O que se verifica, além disto, e que o Sr. não pode, com justiça, contestar, é o abandono a que tem estado votada, da parte de Vila Real de Santo António,

porque apenas quer no seu concelho uma grande praia e recebe que, mais ano menos ano, o pequeno satélite prejudicial ou venha a ofuscar o grande astro.

Na opinião dos Senhores vilarrealeses, Cacela e a própria região da Manta Rota têm outros préstimos, que não praia de banhos. Têm o préstimo de sustentarem no inverno os pescadores infelizes de Monte Gordo — que no verão são ricos — e se estendem em caravana a pedir esmola por toda a freguesia, e que Vila Real de Santo António escorraça, porque é feito esmolar nas suas ruas sumptuosas.

Comparações também o Sr. as estabelece, quando põe em confronto a freguesia de Cacela com outras freguesias do Algarve, e se propõe apostar como aquela tem maior quilometragem de estradas municipais do que estas.

Valha-me Deus, Sr. articulista... Então o Sr. não sabe que a quilometragem das estradas de uma freguesia depende da sua superfície, e que Cacela é uma das maiores freguesias que há aí nas circunvizinhanças? Compare a população de uma com a das outras, e verá que Cacela tem um número de habitantes muito maior e até aproximado ao de alguns concelhos.

Mas, admitamos que o facto é como o Sr. o apresenta. Cacela tem mais quilómetros de estrada que todas as freguesias do Algarve. Muito bem.

Neste caso, diga-me qual delas foi e se deve ás Câmaras mais recentes, como o Sr. pretende justificar, ou até mesmo ás Câmaras dos últimos 30 anos?

Nenhuma. Todas elas já existiam quando eu era rapaz e ali vivia. Ouviu?

A respeito do seu estado de conservação e da possibilidade de serem melhoradas e, muito especialmente, acerca da estrada da Venda Nova á Manta Rota, nem uma palavra e, todavia, era justo que dissesse, visto ser este o ponto que eu foquei nos meus artigos. Para quê, se o Sr. se propõe não responder a nenhum ponto enunciado por mim?

Em obediência á verdade, devo dizer-lhe que os únicos melhoramentos que se fizeram sentir nas estradas de Vila Nova de Cacela, foram:

Em primeiro lugar, os realizados pela acção do meu conterrâneo, Sr. Augusto da Silva Reis, quando há uns 20 anos fez parte de uma Câmara.

Em segundo, o empedramento da estrada do Pocinho á Corte de António Martins, levado a efeito pela Câmara da Presidência do Sr. José Vitor Adragão, há aproximadamente 10 ou 12 anos.

E, visto que falei nesta obra, seja-me lícito abrir aqui um parêntese, para fazer justiça a quem a merece.

Quando escrevi os meus artigos, não tinha conhecimento da realização deste trabalho e, por isso, não fiz dele excepção na minha crítica. Como hoje conheço o facto, sinto verdadeira satisfação por poder reparar a minha falta, e, por isso, apresento as minhas humildes desculpas ao Sr. José Vitor Adragão e, bem assim, aos restantes membros da Câmara da sua presidência, de-

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

## VENDEM-SE

BROCA completa e diversos utensilios de lavoura, tais como: Arados, charruas, etc.; Dois carros, em bom estado e uma mula;

Uma morada de casas com diversas divisões, no sitio das Cabanas.

Tratar com José António de Lima—Conceição de Tavira.

## FUTEBOL

Lusitano, 2 — Benfica, 3

Do jogo de domingo último, em Vila Real de Santo António, ninguém, nem mesmo os adeptos do Benfica, trouxe saudades.

Culpa dos homens? Por certo que não. Culpa do tempo? Evidentemente. Culpa da sorte? A maior, talvez.

O Lusitano viu cortada, abruptamente, pela lama e pela chuva, a arrancada magnífica, com que se situou em vencedor por 2-0, aos nove minutos de jogo. Esta, ou, mais correctamente, aquela, deram a vitória, lógica, aos homens de Francisco Ferreira, de maior poder, e consequente capacidade de resistência á fadiga.

Eis o que foram os setenta minutos finais: — Uma corrida de desgaste, para a saturação muscular. Futebol não se viu; atletismo também não; desporto, muito menos. O jogo endureceu, como não podia deixar de ser, na luta pessoal e rija pela bola, quase dobrada no peso, em terreno fugidio e falso, propiciatório de atitudes deslealistas.

Ante um quadro desta natureza, ninguém, suponho, contestará a vantagem, direi mesmo, a necessidade, dos terrenos relvados. Para lá de tudo, o espectáculo é ridículo, confrangedor e atentório da dignidade humana: — Vinte e dois vultos, a escorrer lama, regelados, exaustos, trágicos quase, á força da comicidade, que o vulgo lhes atribui, doentamente.

E' sempre conselheiral um prognóstico... retroactivo (se assim me posso expressar), mas, não nos furtamos á tentação de pôr o problema do provável resultado, se outras têm sido as condições atmosféricas. Com 2 bolas a favor, ágeis, nervosos, decididos, os rapazes do Lusitano não teriam, facilmente, permitido a derrota, entregando uma vitória preciosa aos seus «padrinhos» lisboetas, francamente inferiorizados pelos vinte minutos iniciais, que, decerto, estavam longe de prever.

De qualquer modo, os algarvios soberam segurar o empate, que lhes fugiu, unicamente, pela hábil transformação de uma penalidade, justamente imposta pelo sr. Cunha Pinto, a 7 minutos do fim.

O que acima dizemos vem exemplificar e dar valor á corrente de opinião desportiva, que sustenta o pouco desnível, entre os grupos da 1.ª Divisão, bem concretizado no caso presente, dado que jogavam o mais e o menos classificados da Tabela.

O Benfica deveria, se as somas estivessem de acordo com os valores, dominar franca e claramente o Lusitano, o que, como sabemos e vimos, se não verificou, tendo vencido arrumado á «muleta» da grande penalidade, sempre frágil argumento, em favor de uma superioridade, que se reputa real.

O Olhanense, recebendo, hoje, a visita do Sporting da Covilhã, deverá ter jornada compensadora, embora não destituída de sobressaltos.

R. C.

## ATENÇÃO

Instalações eléctricas

A PRONTO E PRESTAÇÕES

Material eléctrico por preços

fóra de toda a concorrência

INFORMAÇÕES TÉCNICAS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

No seu próprio interesse,

consulte sempre

DIAMANTINO

Rua José Pires Padinha, 34

TELEFONE 77 — TAVIRA

## À LAVOURA

Trabalhos Mecânicos: — Charruações e Gradeações, com grade de 28 discos.

Trata — Joaquim Pires Cruz — Tavira.

## BATATA dos PLANALTOS

do BARROSO

das variedades ARRAN-BANNER

ARRAN-CONSUL e VALENCIANA

Vende o produtor

J. J. ENNES GONÇALVES

MONTALEGRE

## Aranha Alentejana

Vende-se com o respectivo arreiro.

## Carros de Carga

Com molas e sem molas, em bom estado, vendem-se.

Tratar com Joaquim Pires Cruz — Tavira.

**GRANDE ARMAZEM DE CANDEEIROS**

Fogões a petróleo de pressão e torcida  
Lanternas de incandescência e estábulo  
CALORIFEROS — ESQUENTADORES — FORNOS  
PERTENÇAS PARA LANTERNAS E LAMPEIÕES A PETRÓLEO  
Chaminés de vidro e cristal para candeieiros  
DESCONTOS AOS REVENDEDORES  
**T. J. BARROS QUEIROZ, HERDEIROS, L.ª**  
21-Largo de S. Domingos, 24 — LISBOA

**PELA CIDADE**

**Farmácia de Serviço**—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aboim.

**Teatro António Pinheiro**—Espec-táculos da Semana.

H. je, apresenta *O Castelo de Dragonwick*, um drama romântico de grande intensidade e beleza, com Gene Tierney — numa maravilhosa criação, ao lado de Walter Huston, Vincent Price e Glenn Langan.

Um dos maiores e mais obsor-ventes filmes produzidos até agora pela «20 th Century-Fox». Tem um argumento tão original, que domina por completo o interesse do espectador.

Quinta-feira, 8, uma película sensacionalmente cômica. Uma gargalhada, não em cada minuto, mas em cada segundo: *Oiro*. Um filme que foi considerado pela crítica, como o mais cômico dos filmes de Bob Hope, o grande mestre do riso, Bing Crosby e Dorothy Lamour.

Em complemento, o grande filme, com Douglas Fairbanks Jr., mistério de aventuras na selva em *A Vida é uma Aventura*.

Sábado, 10, uma comédia originalíssima, em technicolor, com Dick Haymes, Gene Lockhart, Anne Revere e Betty Grable, num papel inteiramente novo que conquistou o aplauso dos seus admiradores em *Sua Alteza a Secretária*.

Brevemente, o grande filme português, com Raul de Carvalho em *Não há Rapazes Maus*.

**Um Automóvel Hudson**

Constitui o 1.º prémio do sorteio que a Casa do Alentejo, Rua Eugénio dos Santos, 58, em Lisboa, efectuará no dia 31 do corrente, havendo mais nove valiosos prémios.

É uma ocasião única para, por 10 escudos, apenas, custo de cada bilhete, nos encontrarmos habilitados a receber um automóvel Hudson, completamente novo, último modelo, de 6 lugares, equipado com aparelho T. S. F.

Basta enviar a importância, acompanhada de mais um escudo ou de Esc. 250, se for para registo, ou pedir o envio à cobrança para a morada que acima se menciona.

**OFICINA DE FERRADOR**

Por motivo de retirada, vende-se o prédio onde está instalada e trespassa-se ou arrenda-se, com todos os pertences e bem afreguesada.

Quem pretender dirija-se a João Martins dos Santos, Rua da Asseca — Tavira.

**Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**

Saiu o fascículo n.º 236 da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, que se aproxima, com o seu ritmo apreciado, o termo do 20.º volume.

Assumem a responsabilidade do sumário valiosíssimo deste belo fascículo, onde se vêem notáveis artigos como os dedicados a Pato, Patologia, Patriarcado, Patriado, Patriotismo, Patrologio, Patronato, Patuleia, Paul, Paul, Paula (Madre), Paulinismo, Paulo (Papas), Paulo (Marco), etc., etc., iminentes professores, especialistas e publicistas entre os quais: Prof. Mendes Correia, Prof. João de Vasconcelos, Prof. Torre de Assunção, Dr. António Sérgio, Dr. Pedro Godinho, Dr. Celestino Gomes, Dr. Cunha Gonçalves, Dr. Pedro Machado, Dr. Batalha Reis, Dr. Afonso Zúquete, Dr. Júlio Gonçalves, Dr. Carlos de Passos, Prof. Cardoso Júnior, Tomás da Fonseca, Eduardo Moreira, Cor. Raúl Rato, Padre Miguel de Oliveira, Cap. Mimoso Serra, Cap. Augusto Casimiro, Machado Faria, Gomes Monteiro, Castro Lopes, etc., etc.

Este fascículo, profusamente ilustrado no texto, é acompanhado por duas belas estampas em separado.

Como fica demonstrado a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira mantém o seu justo crédito de precioso instrumento de cultura, sobretudo pelo valor da sua colaboração, ao cuidado de cientistas, técnicos, escritores e artistas, todos interessados numa obra comum de divulgação de todos os ramos e problemas da inteligência humana.

Para que essa obra se torne acessível ao maior número, a Editorial Enciclopédia, Lda., Rua António Maria Cardoso, 33, Lisboa, além de vantajosas condições de assinatura, facilita a aquisição imediata dos 19 volumes já completos, primorosamente encadernados, mediante pagamentos suaves.

**Páginas Vividas**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Já próximo do destino, seriam umas 9 horas, a pequena coluna de Marinha, sob o seu comando, é atacada fortemente por milhares de indígenas, travando-se violentíssimo tiroteio de parte a parte, tiroteio que durou bastante tempo. A guarda avançada do comando do 2.º tenente Albuquerque Rocha, com descargas cerradas, afugentava o inimigo das proximidades da forte *embala*; mas os indígenas, usando duma velha tática, correm doidamente em alta vozeria para os lados do *combóio*, tentando envolver, o resto da coluna. Valeu a esta, a rápida decisão com que o comandante da guarda da retaguarda, 2.º tenente José Francisco Monteiro, que, dispondo-se em ordem de atradores, rechaçou o formidável e interminável ataque do inimigo que, ao fim de algum tempo o de violento tiroteio, dispersava em debandada, deixando no campo 13 mortos, entre eles o chefe Bruimé, prisioneiro, 3 cavalos completamente arreados e algumas barricas de pólvora com a marca de Bissau. Outros mortos e feridos eram conduzidos às costas dos fugitivos para o interior do mato. Dos nossos, ficaram feridos o autor destas linhas e o artilheiro José Dias, e mais 5 auxiliares, morrendo um destes últimos pouco depois.

A *tabanca* do temível régulo e outras *libatas* secundárias foram queimadas.

Estava assim tomada a aguerida «Campamp».

De toda a coluna, que se portou bem, destacaram-se os 1.º tenente João Muzanty e 2.º tenente José Francisco Monteiro; o primeiro, como comandante da coluna que se ia vendo envolvida, evidenciou uma coragem e serenidade notáveis, encorajando debaixo de fogo os seus subordinados; o segundo, com a sua acção enérgica e decisiva, valeu à coluna o não ter sido aniquilada.

E, por ter feito precisamente, no dia 1 de Dezembro, 42 anos que este feito encheu de glória a nossa Marinha, a Nação não esquecendo estas páginas da nossa epopeia militar, evoca sentidamente a memória dos gloriosos adais que foram o Almirante João Augusto de Oliveira Muzanty e o Capitão de mar e guerra José Francisco Monteiro, há poucos anos falecidos, e presta homenagem a toda a Marinha de Guerra Portuguesa.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

**PELA IMPRENSA**

«Voga» — Recebemos o n.º 68, referente a Novembro, desta excelente revista feminina.

Na capa, traz estampada uma interessante fotografia da Ilha da Madeira, dedicada às grandiosas festas de S. Silvestre.

**Carpintaria-Mecânica**

Trespasa-se com todos os pertences, devidamente legalizada, na Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo — Tavira.

Tratar com José Luís da Conceição.

Dão-se esclarecimentos na Redacção deste jornal.

**Compram-se**

Objectos antigos tais como: Móveis, Quadros, Louças, etc..

Também se compra, em Tavira, Prédio de habitação ou terreno para sua construção.

Tratar com: Liberto M. Conceição.

**PIANO**

Próprio para estudo, em bom estado. Vende-se.

Nesta Redacção se informa.

**Dos Livros...**

**Duas Edições «Romano Torres»**

Acabamos de receber, gentilmente oferecidos pela casa editora, dois volumes saídos dos prelos da Livraria Romano Torres: o romance policial «O Homem das Três Caras» e o volume 13.º do «Livro das Raparigas».

Da autoria do escritor inglês Philip Barrner, o romance «O Homem das Três Caras», com uma capa sugestiva e apropriada ao título, é um dos mais engenhosos casos policiais que a fecunda pena de Barrner escreveu e José Rosado verteu para português. Todos os apreciadores do género e especialmente aqueles que têm predilecção especial pela colecção «Grandes Mistérios, Grandes Aventuras» devem lê-lo pois através d'ele muito de imprevisão e de emotivo existe, acabando, todavia, logicamente, sem deixar um fio da longa meada por destrinçar.

O «Livro das Raparigas» n.º 13 abre com uma crónica da sua compiladora Mariália, intitulada «Outra vez o conceito de Família» e cuja leitura é bastante aconselhável. Contém, além das várias secções habituais, colaboração dos escritores estrangeiros Pearl Buck, Katherine Mansfield e Rabindranat Tagore e dos nacionais Trindade Coelho, Aquilino Ribeiro e Gentil Marques. E' deveras interessante a secção intitulada «As nossas escritoras», na qual são publicados ensaios das nossas escritoras em embrião, mas algumas de grande valor e através de cujos escritos se descortina uma certa garra literária.

**A Saúde do Bêbé**

A humanidade precisa de corações inteligentes, dirigidos por boas e fortes vontades, de homens com coragem e independência de carácter, que sintam o efeito desastroso do caos intelectual e moral em que se debate o mundo actual, vítima duma época de cretinismo e de variadas e avariadas sugestões.

Para se obter tal «desideratum» torna-se necessário olhar pelos que nascem, e por isso se diz que o respeito pela vida que desabrocha, bela, porque inocente e pura, serve de índice da civilização dos povos.

Outra transcrição. Esta de parte das «palavras flávias» que abrem o volume recentemente editado pela Livraria «Domingos Barreira», da autoria do Dr. Domingos Moreira, pediatra eminente e assistente do hospital de crianças portuguesas «Maria Pia», intitulado «A Saúde do Bêbé» — como, para que e porque se criam os filhos. De grande utilidade, especialmente nos sectores moral, social e de higiene, «A Saúde do Bêbé», que se propõe acabar (se conseguir diminuir já é muito, dizemo-lo com sincera tristeza...) com «a pavorosa ignorância e a cega inconsciência» que reina na matéria, o volume que se compõe de cerca de duas centenas de páginas divide-se em onze capítulos, cada um deles subdividido em assuntos e fecha com algumas considerações as últimas das quais são as que se seguem à indicação dos títulos dos capítulos.

Intitulam-se os referidos capítulos: A geração, A gravidez, Parto e puerpério, Cuidados com o recém-nascido, O lactante, A infância, A educação física, Moral profissional, Assistência materna infantil, Espiritualidade e carnalidade e A crença.

«...Só então (quando marido e mulher girarem, como um sistema de estrelas duplas, um à roda do outro, perdendo ambos uma parte da sua independência em proveito da sociedade que formam, como escreveu Gomes Teixeira), só então haverá lares felizes, infância sadia, juventude radiosa e nelles a mãe será guia terna no caminho heróico da virtude, ensinam-lo mais pelo exemplo do que pela palavra, empreendendo uma grande obra de amor, desempenhando com fidelidade a missão infável confiada do Alto pela Divina Providência...»

**Colecção Simões Lopes**

Os n.ºs 23 e 36 desta colecção que com propriedade, é classificada a primeira das Escolas, são respectivamente «Epítome de História de Portugal», pelo Prof. A. Cid, e «Gramática da Língua Portuguesa», por A. de Souza, revista pelo Prof. Waldemar Coraia.

São dois livrinhos de grande utilidade para os alunos da Instrução Primária ambos de harmonia com os programas oficialmente em vigor e com o acordo luso-brasileiro de 1945, apresentados com bom aspecto gráfico, capas a cores de Isolino Vaz, sendo o «Epítome» ilustrado no texto com as fotografias dos chefes de Estado e homens ilustres nacionais, desde a fundação de Monarquia até aos nossos dias.

Elaborados de acôrdo com as mais modernas teorias da ciência pedagógica, primando pela clareza, simplicidade e ordem, — três qualidades indispensáveis a trabalhos deste género —, «Epítome de História de Portugal» e «Gramática da Língua Portuguesa», constituem dois trabalhos escolares dignos de menção e recomendação, razão por que a eles nos referimos e apontamos ao Professorado, que ainda os não conhece, como muito aconselháveis.

**Este número foi visado pela Delegação de Censura.**

**Revistas e Publicações**

**História Maravilhosa da Arte das Imagens**

Continua a publicar-se com regularidade esta completa e documentada história do cinema a que já nos temos referido.

Apareceu agora o fascículo 5.º que, como os anteriores, se apresenta de esplendido aspecto gráfico e com muitas gravuras, entre as quais fotografias de artistas da tela muda, como Francesca Bertini.

Fora do texto é distribuída com o presente fascículo, uma fotografia, em formato de 25x20, de Deborah Kerr.

«História Maravilhosa da Arte das Imagens», dirigida por Fernando Frago e Faria da Fonseca e com a colaboração de escritores, publicistas e críticos, é editada pelos Estúdios «Aladino», Avenida de Roma, 18 em Lisboa.

**Almanaque Bertrand**

Está publicado o Almanaque Bertrand, para o ano de 1950, que, como nos anos anteriores e desde 1899, se apresenta magnificamente ilustrado, brilhantemente colaborado e de aspecto gráfico digno de nota.

Com secções literária, científica, artística e recreativa, o Almanaque Bertrand constitui, há cinco dezenas de anos, agradável passatempo para novos e velhos e é sobejamente conhecido para que a ele nos referimos mais do que notar que com o aparecimento de mais um exemplar estão de parabéns a Livraria Editora «Bertrand» e todos os portugueses apreciadores de magazines.

Charadas combinadas, enigmas figurados, hieroglifos comprimidos, palavras cruzadas, filhas de palavras e saltos de cavalo fazem do Almanaque Bertrand a primeira publicação que, no género, se publica em língua portuguesa.

**Revista de Portugal — Cadernos Escolares**

Acaba de sair o n.º 79 da «Revista de Portugal», fundada em 1942 e dirigida por Álvaro Pinto, referente a Outubro corrente.

Inserer colaboração de Sá Nunes, Pedro Machado, Xavier Fernandes, Augusto Moreno e Francisco José Freire e, além do texto, tem a valorizá-lo dois suplementos.

«Revista de Portugal» é uma esplendida publicação de divulgação cultural no domínio da filologia e, como tal, acérrima defensora da Língua, lutando contra todas as impurezas e incorrecções.

Mais uma colecção de cadernos escolares, composta de 20, apareceu, para bem de alunos e professores.

Trata-se dos «Exercícios e Problemas de Aritmética e Geometria», para as 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes do Ensino Primário, da autoria dos Professores José Romão e Leonel Trindade, directores respectivamente das Escolas 72 e 14, e editados por Albano de Souza e Barbosa (Rua da Palma, 145, Lisboa).

Para se aquilatar do valor e da aceitação dos referidos cadernos basta dizer-se que a maior parte deles já tem 9, 10 e 11 edições.

**ROCHA-Alfaiate**

TAVIRA

O mais completo dos Alfaiates

FATOS A FEITIO COM FORROS DE SEDA PARA CASAMENTOS

Preços especiais para os sócios das Casas do Foyo de Santa Catarina, Santo Estevão, Luz e Conceição.

A MÁXIMA PERFEIÇÃO EM TODOS OS TRABALHOS

E' época de voltar sobretudo os transformar em Samarras, ficando completamente como novos.

Francisco do Nascimento Rocha

ALTO DO CANO (Junto á ponte do Cam.º de Ferro)

**VENDE-SE**

Uma CASA na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.ºs 96 e 96 A. Com 9 divisões. Com chave na mão.

Nesta Redacção se informa.

**GUANO DE PEIXE**

Vende Cristovão Olimpio Viegas, Olhão.

Amostras e preços vêr no escritório do Solicitador Carmo Peres, em Tavira.

**Problemas de Teatro**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

nossa realidade intelectual e artística, atrofiando valores e incensando banalidades...

Todavia, é preciso que o nosso público perca «o seu desolador e enraizado cepticismo» e volte a «acreditar nas possibilidades, na marcha do cinema português». Mas, para isso, temos de fugir ao pueril, ao permonor inútil e desprimoroso para a inteligência do espectador e temos de banir aquilo a que António Ferro decididamente classificou de *narcisismo dos realizadores falhos de humildade* e de ascetismo, incapazes de se apagarem para ninguém dar por eles a empurrar a encenação sem naturalidade e sem génio. Por seu lado, os artistas, eivados de pessoalismo e de vaidade, com pouco talento, não sabem distinguir o condicionalismo da realidade exterior e o da realidade interior, de modo que os salameques dos ambientes ricos, é o mesmo dos ambientes pobres e o verbalismo feito, os exágeros as faltas de gosto, deformam e enformam artificialmente aquilo que se apresenta. O público ri e chora, quase ao mesmo tempo, mas «fica, no íntimo, com a consciência de que foi iludido.»

Outro aspecto a ter em conta é o encontrar-se para cada artista os papeis que lhe convêm e não se improvisar, na fagueira mas cega ilusão de que há capacidades universais e que certos afilhados podem ascender a todos os postos e desempenhar com igual brilho e relevo todos os papeis.

No teatro, igualmente nos cumpre iniciar uma séria auto-crítica para fugirmos ao revisterismo quase sempre reles, onde se aninha a *piada* barata e a baixa política. E' que o teatro não pode ser considerado um artigo de luxo, mas sim uma escola para todos, tal como chegou a ser nos maiores e agora destruídos Estados da Europa. Assim, também é impossível ser uma coisa que se aprende. Está mais na capacidade própria, inacta, do artista, do que nas lições de mestres e na frequência de cursos. Ao nosso teatro faltam autores nacional. Aos artistas falta naturalidade e espontaneidade e menos enfatuamento. O nosso teatro «está precisando, talvez, duma lufada de ar fresco.» E' que temos autores e «valores literários», mas não sabemos ou não queremos ir buscá-los, porque estamos confiados ao *dolce farnientes* do elogio mútuo, das capelinhas, e dos interesses criados que apertelam e dificultam, mas a que não se deitou ainda uma vassourada forte e higiénica. Além disso, o vício, esteja onde estiver, a corrupção ou a degenerescência, não podemos consentir que se distarçem com toucados de arte e de intelectualidade para iludirem as prescrições da Lei. Portugal é só um e os portugueses não podem ser preteridos uns em proveito de vulgaríssimo privilegiados.

**Júlio Sancho**

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO TOMOGRAFIA ELÉCTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a

Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

# As aspirações de Vila Nova de Cacela

(CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA)

clarando-lhes que nunca é tarde para fazer justiça.

Como vê, Sr. articulista, não errei só, dando o nome de freguesia a S. Bartolomeu. Devo mesmo ter errado em mais coisas. Não as anotou o Sr. articulista, porque as não percebeu.

Mas, vamos à resposta:

Além das beneficiações acima apontadas que as estradas e caminhos de Vila Nova de Cacela receberam, o resto pouco mais excede que a produção anual de trabalho de um pobre cantoneiro, único que existe em toda a área da freguesia e que não chega para a décima parte das necessidades da enorme quilómetros das estradas a que o Sr. articulista se refere tão ufantemente, e, por isso, algumas, em certos pontos, são pouco menos que barrancos, como disse que eram.

Águas: Sei tão bem como o Sr. articulista, ou talvez melhor, quais são os aglomerados populacionais que constituem a freguesia de Cacela, as suas condições de vida, distâncias que as separam uns dos outros, as dificuldades que oferecem neste complicado problema. Seria, pois, ocioso referi-las aqui, tanto pelo espaço que ocuparia a sua enumeração, como ainda por serem conhecidas de todos a quem este assunto interessa.

Todas as tentativas que se têm feito na freguesia até hoje, não têm sido de molde a procurar resolver o problema das águas, pois elas não têm ido além da limpeza de alguns poços e do afundamentos de alguns metros, outros.

Ao problema das águas não pode ser dada a solução que ao Sr. articulista se lhe afigura. Cacela não se pode dar à fantasia de ter águas canalizadas, devido à dispersão da sua população.

Bastar-lhe-ia ter 5 ou 6 depósitos de abundante e boa água, espalhados pelos pontos mais centrais, onde a população se pudesse, convenientemente, abastecer, mesmo com algum incómodo para si, mas de forma a evitar a agonia que hoje os seus habitantes sofrem, muito espe-

cialmente na quadra do verão, em que têm de beber águas turvas e infiltradas, como já afirmei.

Como resposta, Sr. articulista, às considerações que fez, limito-me a transcrever o que o Sr. Presidente do Município diz, no seu «Plano de Actividades Municipais» para o ano de 1947:

«Entendo que devemos mandar fazer o estudo hidrogeográfico da Região de forma a podermos tentar com probabilidades de êxito, proporcionar aquela freguesia boa e abundante água potável.

Aproveitaremos a permanência entre nós dos engenheiros especializados, que hão-de prestar assistência técnica na execução do projecto de abastecimento de água à sede do concelho para levar a efeito este estudo».

Não sei, em boa verdade, se os engenheiros especializados ainda se encontram entre os vilarealenses. O que sei, é que são decorridos dois anos, e os estudos, que eu saiba, ainda não foram feitos.

Não faço outros comentários, por consideração com o Sr. Presidente do Município. Palavra, que o Sr. articulista bem os merecia.

Com referência ao mercado, devo dizer-lhe que não isento os meus conterrâneos da responsabilidade que lhes cabe no desatino, puxando cada um a brasa à sua sardinha. No entanto, a maior parte cabe a quem tinha, então, o poder na mão e não usou dele, permitindo que a verba se perdesse. Altos desígnios de quem tem a faca e o queijo na mão, Sr. articulista.

Quanto ao mercado actual, não é verdade que ele sirva apenas um ou dois dos aglomerados da freguesia, como diz. Serve, pelo contrário, a grande população da freguesia de Cacela, e a necessidade da construção de um novo mercado não se justifica apenas pelo seu movimento, mas sim, porque se impõe proporcionar a essa população os meios de poder adquirir os seus alimentos em condições higiénicas, que não têm hoje e que há o dever de lhe dar.

A vossa teoria, Sr. articulista, de que «o seu movimento e

receita não convenceram ninguém de que fosse recomendável gastar oitocentos ou mil contos num mercado próprio» é absolutamente destituída de fundamento. Sabe porquê? Porque não se realizam obras de utilidade pública, apenas quando elas prometem rendimento pecuniário. Realizam-se, sim, quando as necessidades públicas, as necessidades dos contribuintes o justificam e impõem.

De resto, quem falou ao Sr. articulista em oitocentos ou mil contos para a construção do mercado de Cacela? Os cacelenses são mais modestos, Sr. articulista, e contentam-se com muito menos. O Sr. é que vive em Vila Real de Santo António, onde tudo é grande, menos na vontade de servir Cacela, e por isso, participa dos seus sentimentos.

Quando disse que Vila Nova de Cacela não tinha luz eléctrica, não quis, de modo nenhum, referir-me à área de toda a freguesia. Referia-me, apenas, aos seus principais centros, muito especialmente à Venda Nova, que é hoje considerada a moderna vila de Cacela.

Em minha opinião, entendo que deviam ser electrificados os seguintes centros: a Venda Nova, toda a estrada que vai desde a Bornacha até à Ponte Nova, a Coitada e a Manta Rota. Feito isto, ficariam satisfeitas as aspirações do comércio e das indústrias, de moagem e de fabricação mecânica de azeite e, muito especialmente, as aspirações dos importunos como eu, que afinal não têm interesses a servir, mas têm sagrados deveres a cumprir e por este motivo se empertigam. O resto viria depois, com boa vontade da Câmara.

Creia, Sr. articulista, que a solução deste e doutros problemas que, por más vontades e erros da parte de Vila Real de Santo António, continuam ainda insolúveis, calaria para sempre os descontentes e estes não pensariam mais em dar a Cacela outro concelho. Só a gratidão, creia, faria cessar as queixas que os Senhores de Vila Real de Santo António têm teimado em não querer ouvir, dos que só pagam impostos e não recebem nada em troca, anos e anos.

Quanto à passagem da freguesia de Cacela para o concelho de Tavira, que defendi, não aduziu o Sr. articulista uma única razão que destruísse os meus argumentos e apenas faz insinuações a que vou responder-lhe:

Sei perfeitamente que o concelho de Tavira é mais pobre que o de Vila Real de Santo António. Devo, no entanto, dizer-lhe, que a Cacela não interessa o facto, porque apenas deseja ver da parte do concelho a que possa pertencer, justiça na distribuição de benefícios e que a coloquem em igualdade de circunstâncias às suas congéneres, que é o que não tem visto até aqui.

Dito isto, permita-me, Sr. articulista, que muito prudentemente lhe dê um conselho:

Não brinque com a fogueira aparentemente extinta, Sr. articulista. Não se entretenha a revolver as suas cinzas, porque pode acontecer-lhe, muito bem, trazer à superfície pequenas faúlhas que a podem reacender. Tome cautela, Sr. articulista, não vá o «feitiço voltar-se contra o feitiço» e que aconteça que o concelho que hoje é mais rico passe amanhã a ser o mais pobre.

O Sr. sabe aonde eu quero chegar.

Relativamente à circunstância das minhas opiniões poderem fazer lembrar os edis, se valerá a pena gastar dinheiro com a freguesia de Cacela, devo dizer-lhe que é inteiramente impossível verificar-se tal hipótese, pela simples razão de que esses edis há muito a votaram ao esquecimento, como o prova, a saciedade, o estado de atraso em que se encontra.

24-10-949

Manuel dos Santos Cabanas

## REGRA DE BOM VIVER

### Quereis economia?

Fazei as vossas Compras na

### COMPETIDORA

de José Augusto Neves

Praça da Republica, 28-29 — TAVIRA

POIS SERÁ A FORMA DE SER ECONÓMICO

O Proprietário desta casa resolveu fazer umas diferenças de preço em todos os seus artigos até ao fim do corrente ano, tais como em:

Casemiras nos melhores padrões de todos os bons Fabricantes.

SORRUBECOS E TRICOTS

que tem como exclusivo, em todas as cores e óptimas qualidades a PREÇO DO FABRICANTE

ESCOCEZES, CASACOS DE SENHORA, CREPES DE Lã E COBERTORES

CAPAS ALENTEJANAS — CHAPLARIA

ASSIM COMO EM TODOS OS ARTIGOS DE ALGODÃO

Aproveite V. Ex.ª a oportunidade de comprar

POIS FARÁ ECONOMIA

## J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de  
Farinha espoada e ramas

### PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada  
a um escrupuloso fabrico fazem  
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do  
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Empresa de Publicidade Algarve, L.ª

«Tipografia Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

Executa com a máxima perfeição

TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

Fábrica de Carimbos

Aceitam-se encomendas para qualquer parte

## RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de  
marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade,  
não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer  
não, o que casa alguma pode competir devido aos habi-  
tuais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith,  
Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zo-  
ty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Wa-  
tez, Viérgines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira



Não precisa  
electricidade

PARA TER MUSICA  
EM SUA CASA  
NO CAMPO



COMPRE UM  
**Mullard**  
E VERA QUE ACERTA

«O Melhor Pre-  
sente do Natal»

é um bom receptor de T. S. F.

Aparelhos das Melhores Marcas  
PARA CORRENTE E BATERIAS

AERODINAMOS

GRAFONOLAS

His Master's Voice,  
COLUMBIA  
E DECA



DISCOS: as ultimas novidades  
Vendas a Pronto e a Prestações

Venda e aluguer de  
APARELHAGENS SONGRAS

Ferros de Engomar  
Eléctricos-Automáticos

AGÊNCIA:

Rua Dr. Parreira, 13  
TAVIRA